

Almeida, Maria Antónia Pires de, Conceição Andrade Martins (2002), “Alveitar”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 288-289. ISBN: 972-774-133-9.

Alveitar.

Grupo: Outros.

Variantes: Alveitar, Curador de animais, Oficial de sangrador, Sangrador.

O Alveitar foi descrito por Leite de Vasconcelos como o um homem que trata cavalos, um conhecedor das idades, achaques e defeitos do cavalo e como se hão-de curar (1933). Sem as habilitações de um **Veterinário***, o alveitar trata doenças de animais, por curiosidade, “sem carta”. A sua arte, a alveitaria, inclui o ofício de *Sangrador*, o que sangra os animais, actividade muitas vezes realizada também pelo **Ferrador*** (Vasconcelos, 1933). Na mesma obra encontramos o *Curador de animais*, o que “exerce a veterinária popular de carácter supersticioso, com amuletos, defumadoiros e mezinhas” (*idem*). A arte de tratar os animais é conhecida desde que o homem domesticou animais no período Neolítico. Em Portugal, por herança árabe, os alveitares têm tradições muito antigas, existindo desde os tempo medievais a sua corporação. O médico de D. Dinis, “Mestre Giraldo”, escreveu uma obra sobre esta profissão e em 1772 foi criada em Lisboa uma Academia de Alveitaria (Marques, 1976).

Dentro da alveitaria encontra-se o ofício de *Sangrador*, o qual podia também sangrar pessoas, utilizando sanguessugas ou mesmo lâminas. Vasconcelos também descreve a actividade dos “Sangradores e Barbeiros-sangradores”, que recorriam a tratados de Flebotomia, feitos por médicos e por cirurgiões e que abrangiam por vezes instruções a respeito da “aplicação de sanguessugas e ventosas...” (Vasconcelos, 1933). Ao mesmo tempo, na Beira chama-se assim ao que mata o porco (*idem*). Esta figura está presente em meio rural em diversas fontes, desde os Forais Manuelinos em 1514, com a grafia *samgrador*. Encontra-se também na Casa de Bragança em Vila Viçosa (*Mercês de D. Teodósio*, 1583), na Misericórdia de Santarém em 1655 (Palma, 1987), nos Livros de Décimas de Montemor-o-Novo, 1699, nos Registos Paroquiais de Avis em 1733, na Contribuição Municipal de Arraiolos em 1839 e ainda nos Recenseamentos Eleitorais de Avis até 1852. Como artesão que era, o seu aprendiz

tinha a classificação de *Oficial de sangrador* (Registos Paroquiais de Avis, 1729, com a grafia *official de sangrador*).

Com a afirmação da Medicina, estas categorias foram perdendo credibilidade, mas ainda se encontram em meios rurais no início do século XX (fontes orais), junto com os *endireitas* e os vários tipos de parteiras e bruxas cujos ofícios foram suplantados pela ciência.